

## Palavras iniciais

Não é fácil psicografar um livro com um espírito. Quando me deparei com o desafio de escrever esta obra com quatro Exus que viriam contar suas histórias, confesso que fiquei surpreso. Um livro se escreve uma palavra de cada vez, letra por letra. Fui orientado a deixar fluir, soltando-me e permitindo que cada amigo espiritual trouxesse sua mensagem. Os espíritos não “tomam” o meu braço e saem a escrever.

A comunicação mediúnica supraconsciente nunca será limitada à mera expressão verbal, seja oral ou escrita. Existem tantas intuições profundas, que jorram feito cachoeira num manancial criativo inenarrável, quando estamos ligados mentalmente a um mestre espiritual, seja Caboclo, Preto Velho, Exu, Oriental... Enfim, a forma de apresentação da entidade astralizada é o que menos importa.

Receber uma mensagem dos espíritos guias e transportá-la para a escrita exige a exaltação psíquica a um estado alterado de consciência, a conexão do eu inferior com o superior, alcançando um grau de percepção que transcende os sentidos ordinários do corpo físico e a partir daí “sofrer” a atuação de uma inteligência externa, outra consciência, uma mente extracorpórea.

A partir deste estado de elevação, consigo sintonizar mente a mente com os amigos espirituais. O processo é complexo para ser

descrito, contempla uma ação contínua de atuação do lado de lá, o que me permite os estados de desdobramentos conscientes, ocasiões que tenho clarividência e clariaudiência. Estes desprendimentos são naturais e também ocorrem no sono físico durante a recepção dos livros.

Quando sento para escrever, jorram as ideias e os pensamentos se aceleram. Minha mente fica em harmonia com a dos espíritos e tento interferir minimamente no estilo peculiar de cada um. Na primeira fase de recepção, escrevo sem analisar o que estou escrevendo. Deixo vir, quanto mais rápido a mão e a caneta acompanharem os pensamentos, melhor.

Uma comunicação mediúnica verbal ou escrita nunca é inteiramente fidedigna ao teor da mensagem do espírito comunicante. Mesmo em médiuns que verdadeiramente nada se lembram do transe, raridade nos dias atuais, os conteúdos de memória que estão arquivados no seu inconsciente profundo são utilizados pelos espíritos. Sempre há, então, a contribuição da alma do médium.

A conexão mediúnica supraconsciente acontece de maneira instantânea, no nível mental superior. O conteúdo da mensagem é transmitido com uma clareza indescritível, o que jamais poderá ser traduzido totalmente com palavras do vocabulário vigente e transcrito no papel com absoluta limpidez.

As mentes comuns são cerceadas pelo intelecto, que avalia os prós e os contras de tudo que vivencia e se deixa influenciar por padrões de crenças e valores morais arraigados. Sendo assim, na primeira etapa da recepção nunca racionalizo, simplesmente tento o mais rápido possível escrever todas as ideias. Mesmo que o texto flua sem interrupções, sempre o submeto na segunda etapa, após digitá-lo, a uma criteriosa revisão.

Trazer uma mensagem do Plano Espiritual para o Plano Material é como a construção de uma casa, que primeiro se idealiza na mente. Importante que no processo de transferência da ideia para o papel não se prejudique a fidelidade da mensagem. Neste estágio,

deixo me conduzir. Ao final da recepção, avalio a que ponto cheguei. Finalmente, começo a analisar o conteúdo. Afinal, o médium é responsável no plano físico pelo que publica em nome dos espíritos.

É impossível que algo de mim mesmo, como o estilo próprio de escrita, não passe para o texto final. Todavia, esforcei-me ao máximo para que durante a recepção desta obra, não interferisse no estilo peculiar do modo de pensar de cada Exu. Quando recebia as mensagens e as transpunha para o papel, sentia como se as entidades estivessem falando diretamente comigo, numa conversa coloquial, só que escutava como se suas vozes retumbassem dentro de minha cabeça.

**Exu Calunguinha**, na aparência de um menino branco batedor de carteira da Idade Média na Inglaterra, mostra-se sóbrio como muito homem grande não é. Bem-humorado, faz na brincadeira o que gente séria não teria coragem. Com um “português” por vezes sem uso nos dias atuais, alertava-me que o que vale são as ideias, para que eu as captasse em pensamentos e depois arrumasse do meu jeito, desde que ficassem fiéis ao que me ditara. Pequeno na aparência, grandioso na atuação, segura qualquer tronqueira e não deixa a gira cair.

**Senhor João Caveira**, um Exu sério, de poucas palavras e muita ação. Como genuíno Exu de Calunga (cemitério), atua em faixas vibratórias que a humanidade teme, pois a maioria age como se fosse imortal. Alto, negro, esguio e ágil, por vezes excessivamente direto e seco, transmite a confiança que sob o seu comando o que tiver que ser resolvido será – sem pestanejar um segundo, faz o que tem que ser feito.

**Exu da Pedra Negra**, um amigo espiritual que sempre esteve conosco, desde a fundação do terreiro Grupo de Umbanda Triângulo da Fraternidade, mas que só agora o percebi em sua grandeza inquebrantável, como rocha que não trinca. Apresenta-se como portentoso nativo andino, de tez acabocladada, cor de tijolo. Muito

alto com braços grandes e mãos firmes, confidenciou-me que foi construtor de pirâmides no antigo Egito. Não tem feitiço de rua que ele não desmanche. Com força incontrolável na mecânica de incorporação, raros médiuns na atualidade são eletivos a sua atuação nos terreiros, pois não suportariam o campo de força que se forma na sua ação quebradora de feitiços.

**Exu Morcego**, uma narrativa emocionante, real e repleta de sentimento. Num determinado momento que estávamos escrevendo juntos, senti a emoção, como se sua garganta engasgasse ao se lembrar de algo muito antigo; sua meninice no berço da Religião Tradicional Iorubá. Nunca esquecerei o fenômeno de efeito físico que vivenciei, quando narra sua libertação do jugo de poderosa organização de feiticeiros, momento crucial que ele se reencontra com o Exu ligado a sua ancestralidade; todo o teto do terreiro crepitou, numa série de estalos como se algo vivo dentro do forro se expandisse, tal qual uma bolha de ar quente que faz um balão subir.

Não poderia deixar de expressar minha gratidão aos Exus **Tiriri Rei das Sete Encruzilhadas**, o chefe de nossa tronqueira, pelos inestimáveis serviços de cobertura espiritual. Espírito nobre, de grande saber, mago, cabalista, velhíssimo Babalaô, profundo conhecedor da alta magia africana com os Orixás, temos fortes laços de sincera amizade que nos remete à priscas eras; **Bombojira Dama da Noite**, que nunca dorme, encontra-se sempre desperta na proteção de nossa egrégora, resolvendo intermináveis “embaraços” com elegância, educação, serenidade e firmeza.

Laroiê

Exu é Mojubá.

A todos os “compadres”, meu respeito incondicional.

Norberto Peixoto

01 de fevereiro de 2018.



CAPÍTULO **1 Exu**  
**Calunquinha**

*A vasta maioria daqui está no seu inferno particular, na sua sala purgatorial, no seu recanto decantador. Habitam no reflexo de suas próprias mentes, assim como o ser hipnotizado ufana-se frente ao espelho. Acicatam-lhes as forças instintivas dos elementos afins com seus próprios modos de ser. Uns se afogam, outros se queimam, ciclanos voam na ventania, beltranos comem terra ou chafurdam na lama. Cada um no seu “reino”; reis e rainhas, príncipes e princesas na Terra, os melhores e de grande sucesso na sociedade humana.*



## Calunguinha, ao seu dispor!

*Um menino Exu, pensando como velho espírito imortal, agindo e falando como homem calejado nas encruzilhadas e armadilhas das sombras, nos percalços do positivo e do negativo, assim como persiste em nós o axé ou o contra-axé. O primeiro é força realizadora coletiva, potência divina equilibradora e construtiva. É concretizado na vida humana pelos poderes dos Orixás. O segundo é destrutivo, ativado pelos desejos pessoais egoístas, impulso desequilibrador, atrai espíritos negativos de baixa envergadura moral. Um está em tudo que Deus construiu; o outro no que o homem procura destruir; um é altar sagrado, a própria natureza criada; o outro é a oferenda para o mal, a rogativa que deseja a morte dos oponentes.*

Eu sou Calunguinha, ao seu dispor! Vou lhe ajudar.

É com esta saudação que me apresento aos atormentados no estado intermediário da existência. Entre a morte e um novo útero, longo é o caminho. Existe um mundo bem maior que a Terra. Refiro-me aos que morreram e deixaram o corpo físico para trás, mas continuam vivos – mortos mais vivos que muitos vivos mortos na matéria.

Viver ou morrer é um estado de percepção da mente. Os desistentes morrem para a realização de seus propósitos de vida em

Terra, os vitoriosos que venceram a si mesmos rompem a ilusão e despertam do lado de cá, finalmente acordam do sono letárgico e despertam para a realidade.

Você levanta de manhã e vai para o trabalho, como uma vaca para o matadouro, com o olhar esgazeado. Retorna para casa com azia e desânimo, atura a mulher, chuta a costela do cachorro, vê televisão, grita com os filhos para ouvir o futebol, toma sua cerveja, arrota e dorme exausto no sofá. Sinto muito, você morreu, meu caro. Morto, “mortinho da silva” no dia a dia, um defunto que caminha sem o caixão.

A morte é como um trocar de roupa para irmos a uma festa. Não vamos pelados a lugar nenhum, nem mesmo após atravessarmos o ataúde e sairmos do sepulcro perambulando pelo Além. Acordamos vestidos e arrumados como estávamos na Terra. O espírito nunca está só e nu, simplesmente troca a vestimenta para um novo cenário. O enredo em que o novo personagem atua permanece o mesmo. Ao voltar para o lado de cá, molda o corpo astral pela sua força mental; de acordo ao que era antes, é o que é agora. A retornar para a Terra, experimenta um novo corpo orgânico, atraído pelo encontro dos ventres dos eleitos pai e mãe, que se atritam. Estagiará no útero até ser “espirrado” para fora.

Neste meio-tempo, entre morrer no corpo velho e renascer para um novo, tantas ocorrências se dão no estado intermediário da vida humana. Sim, espírito também é humano. Todos o somos, seres humanizados. Afinal, por que estamos na Terra? Por sermos semelhantes uns aos outros. O magnetismo deste planeta nos mantém aqui. Simples assim.

A vida não se rompe e não se acaba. Cada um de nós cria seu próprio céu ou inferno. Quando morremos, plasmamos para nós a bem-aventurança ou infortúnios. Depende de cada um, como estava sendo alimentada sua consciência, continua no aqui e agora, um eterno devir. O ente passa a ser o que era antes de morrer, torna-se imediatamente aquilo que pensa.



Neste deserto de mortos-vivos do lado de cá, no influxo de retificação dos destinos, transito como andarilho inquieto, levando água aos sedentos de tanto sofrer. Aqui e acolá, tantas são as conchas, que cada um se aprisiona, o meu trabalho nunca termina. Feliz e alegre, ao bater na porta do “inferno” de cada criatura, apresento-me como um garoto de 12 anos. Quem tem medo de um Exu Menino?

Resoluto, cumpro os meus afazeres, certo de que a Providência Divina me ampara. Orixá Exu, o grande organizador do caos de nossa vida, retificou meu destino e me colocou no prumo. Se no passado, arrombava as casas para assaltar e degolava os moradores, tanto matei que hoje tenho que ressuscitá-los.

Nada está errado, tudo está certo, e vamos caminhando ao infinito. Aonde chegarei não importa. O valor está em cada momento do caminhar, em cada passo, em cada pisada. Toda vez que levanto um dementado do umbral, quebro seu inferno mental, contribuo para a reorganização do seu mundo íntimo psíquico e por ressonância mantenho a eficácia das Leis Universais, emanadas da própria Criação, dos sagrados Orixás.

Neste agir, melhoro minha própria condição. Não o faço por troca, para angariar benefícios. Realizo por que gosto e sou feliz assim. Aceitei de coração. Nada me é imposto ou obrigado. Cada um de nós tem talentos e dons inatos. Importa acertamos a polaridade destas aptidões e usá-las positivamente, de acordo com as Leis estruturantes e mantenedoras do Cosmo físico e metafísico.

Existe o positivo e o negativo, assim como persiste em nós o axé ou o contra-axé. O primeiro é força realizadora coletiva, potência divina equilibradora e construtiva. É concretizado na vida humana pelos poderes dos Orixás. O segundo é destrutivo, ativado pelos desejos pessoais egoístas, impulso negativo desequilibrador, atrai espíritos de baixa envergadura moral. Um está em tudo que Deus construiu; o outro no que o homem procura destruir; um é altar sagrado, a própria natureza criada; o outro é a oferenda para o mal, a rogativa que deseja a morte dos oponentes.

A intenção de cada indivíduo determinará em qual extremo se localiza, no influxo do axé ou do contra-axé. Quando seus equívocos comprometem a harmonia do coletivo, opa, é hora de o agente de retificação entrar em cena, começa nossa ação corretiva.

Como demonstrado, não entro no céu de ninguém, até porque poucos morrem e abrem as suas portas aqui. Isso ainda não é para a minha estirpe espiritual, pecaminosa, da “esquerda”, dos não eleitos, dos impuros, dizem os religiosos detentores da verdade na Terra.

A vasta maioria daqui está no seu inferno particular, na sua sala purgatorial, no seu recanto decantador. Habitam no reflexo de suas próprias mentes, assim como o ser hipnotizado ufana-se frente ao espelho. Acicatam-lhes as forças instintivas dos elementos, com seus próprios modos de ser. Uns se afogam, outros queimam, ciclanos voam na ventania, beltranos comem terra ou chafurdam na lama. Cada um no seu “reino”; reis e rainhas, príncipes e princesas na Terra, os melhores e de grande sucesso na sociedade humana.

Tenho o direito de intervir na vida destes seres. Sou um Guardião Exu na Lei de Umbanda. A Justiça Divina não permite, a ninguém, com total imparcialidade, sofrer além do seu merecimento. Finda o expurgo retificativo, inicia o meu trabalho. Um menino Exu, pensando como velho espírito imortal, agindo e falando como homem calejado nas encruzilhadas e armadilhas das sombras.

Bato à porta da casa mental dos mortos,  
ninguém tem medo de um menino, um Exu Mirim,  
ressuscito-os da ilusão.  
Omulu é o meu Pai,  
Iansã, a minha Mãe.  
Toc, toc, toc,  
ei, você que me lê, bato na porta de sua casa mental.  
Sou Calunguinha, ao seu dispor!

*Calunguinha está lhe chamando,  
Oh, firma a Gira que Exu vai chegar,  
Bato três vezes na porta, sua dor acabou,  
Calunguinha vai lhe amparar.*